

Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário * 16 de Abril de 1983 * Ano XL — N.º 1020 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



De como nasceu a Casa do Gaiato do Porto...

Trazia a imaginação ocupada com o convento de Arouca, para fundar ali uma réplica fiel à Casa do Gaiato de Coimbra, sita em Miranda do Corvo.

Quatro anos de vida naquele organismo social ensinaram-me a transformar o pequenino farrapo das ruas com simples mezinhas caseiras, a saber: muito pão, muito sol e muito carinho.

Como não tivesse em Miranda do Corvo possibilidades de aumentar, lancei as redes ao largo, como fez o Pescador, procurando novas paragens sob o sinal da Cruz.

Arouca fica longe da cidade, o pior mal da criança desamparada precisamente porque, nela, acha os seus amores. Quis indagar da sua posição jurídica e pedir o convento a quem de direito.

Fiz alto em Paço de Sousa. Alguém que sabia do negócio pergunta:

— **Porque não fica por aqui?**

O convento de Paço de Sousa, antiga morada de frades beneditinos, tinha sofrido um incêndio em 1939 e fora abandonado pela Junta de Província do Douro Litoral. Havia ali unicamente um funcionário mai-los caseiros. Escrevi quatro linhas para Lisboa.

— **Que sim; fale com o governador civil.**

Levei seis meses a limar arestas da burocracia! O Código diz que se deve prestar contas, eu dizia que não, e nisto se gastaram tempo e solas até à hora do triunfo. Ele há-de vir tempo, e já cá anda, em que as leis darão lugar a outras leis, como logicamente exige o sangue que se tem feito!

Tomei posse no dia 20 de Abril do ano que findou (1943), na presença dos magistrados, com as palavras do estilo. O diploma concede-me amplos poderes de fazer e de acontecer; mas dinheiros, não. Os obreiros do Evangelho sempre procuraram e amaram outros valores, pelo que são muitas vezes cognominados de loucos.

Mas eu necessitava de dinheiro. Uma brigada de operários começara a demolir o ex-

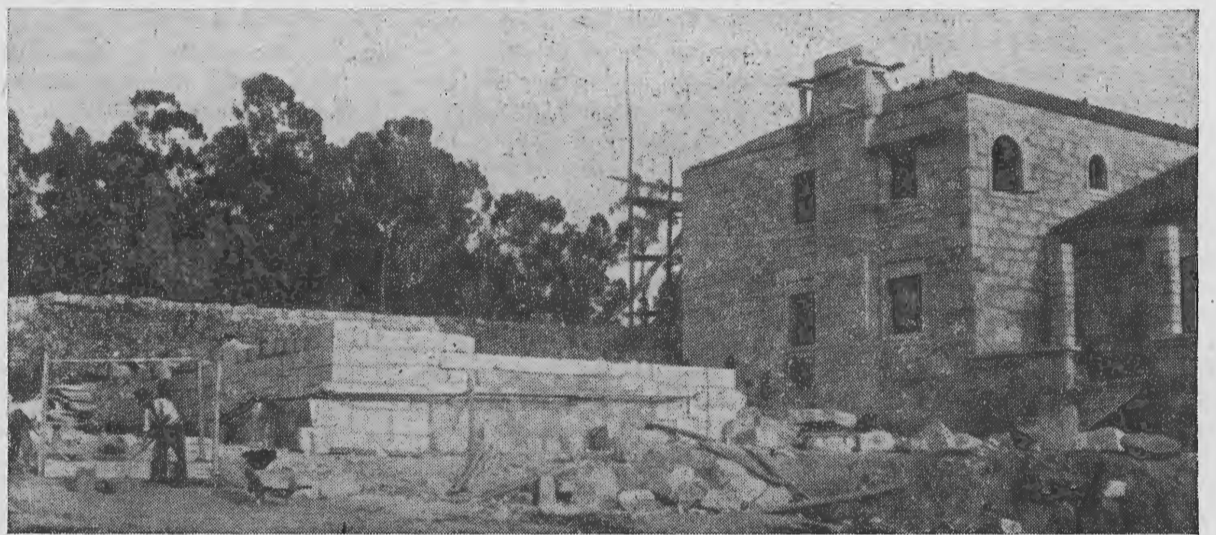
tenso dormitório dos frades e a carrear a pedra para o local da Aldeia dos Rapazes. O arquitecto Teixeira Lopes já tinha riscado o pensamento que eu lhe confiara: Casas de família para 7, para 12 e para 15 pequenos. Edifícios das escolas, das oficinas. Capela. Enfermaria. Piscina. Balneário. Jogos. Campos de flores — Beleza e Amor ao serviço da Educação. Terreno adequado, onde cada um deponha as armas de vadio e tome as do trabalho.

Precisava de dinheiro, sim. Tirei bilhete para Lisboa. Ouvira falar no Engenheiro Duarte Pacheco; sabia que ele era ministro da Nação. Bati à porta do seu subsecretário. Revelei, apaixonado.

— **Fale ao ministro.**

Marcou-se dia e hora.

— 300 contos, meu senhor. Não se trata de obras públicas. A Casa do Gaiato não é ponte nem é cais. É uma Obra social para os vadiozitos do Porto, que os portuenses não custear. Porém, quando chegar a hora de me apresentar, a dizer com verdade o que se tem feito e a pedir com justiça o que me falta, nessa data — disse — quero mostrar obra feita para que me escutem.



«Mestres de pedra lavrada trabalharam para que os sem-casa tenham onde habitar.»

Para isso peço este dinheiro.

— **Sim; tome lá.**

— Talvez não possa ser tão fácil, senhor ministro, se eu declarar que não posso prestar contas.

— **Nem deve.**

O ministro cumpriu. Eu também.

É chegada a vez do Porto. Tenho pedido nas igrejas, nos teatros, nas ruas, nas casas particulares; e tenho recebido, sim, mas as somas despendidas são astronómicas. O não prestar contas, não quer

dizer que as não faça ou que as não mostre; podes examinar. Eu preciso de rasgos e sobretudo de muita compreensão da parte dos homens que me podem auxiliar.

Para este ano corrente (1944), dentro do plano geral, quero levantar mais algumas casas da Aldeia, instalar luz nas já cons-

truídas, rasgar a grande avenida de acesso, proceder aos esgotos, conduzir água de 2000 metros de distância — sem falar no vestuário e alimentação de muitas dezenas de pequeninos, já instalados.

Padre Américo

...há quarenta anos



Vista da mata, no meio do arvoredo, eis uma bela imagem da nossa Aldeia, em Paço de Sousa! «Casas de família. Edifícios das escolas, das oficinas. Enfermaria. Piscina. Balneário. Jogos. Campos de flores — Beleza e Amor ao serviço da Educação. Terreno adequado, onde cada um deponha as armas de vadio e tome as do trabalho».

NÃO é saudosismo; nem efeméride por efeméride. São 40 anos de vida, pujantes de Vida! É dia de festa!

Em Maio de 1943 «chegam, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, três pioneiros da Obra: o António, de Celorico; o Amadeu, de Elvas; e o Adolfo, de Coimbra. Instalámo-nos todos em uma dependência do antigo cenóbio, que ficou de pé para tradição. Comprámos uma vaca, algumas aves domésticas e coisas de primeira necessidade. Cultiva-se um pequenino quintal com sua horta e jardim, e vivíamos como Deus com os anjos.

Em Agosto de 1943 chegam mais obreiros (nós outros mai-lo «Bruxa»). Vêm da Casa-mãe (Miranda do Corvo). São os fundadores da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

As imagens gravadas em nossa alma de pioneiros, borbulham em cachão! Difficilmente conseguimos sumariá-las!

CONT. NA 4.ª PAG.

Palas Casas do Gaiato

Paço de Sousa

ANIVERSÁRIO — A nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa comemora, no próximo dia 20 de Abril, 40 anos de existência ao serviço dos rapazes sem eira nem beira. Um belo aniversário para todos nós que, presentemente, pertencemos à Comunidade.

Foi há precisamente 40 anos que o nosso querido Pai Américo, em benefício de todos os abandonados pela sociedade, fundou a nossa Aldeia, que aos olhos de quem a visita é um espanto. Por isso, são raras as pessoas que lhe dão já 40 anos de vida...

Nesta data feliz só nos resta reflectir um pouco e agradecer a Pai Américo tudo aquilo que fez por nós, pedindo a Deus que nos ajude a manter firme todo o seu trabalho, admirável aos olhos de todo o mundo.

DESPORTO — No dia 26 de Março a nossa equipa regressou em plena forma, e assistimos todos a uma bela partida de futebol.

Defrontámos, com muito gosto, a equipa da Fábrica Dragão Dilumit, de Paços de Brandão, empresa muito amiga da nossa Obra, que nos oferece algum material para a serralharia e carpintaria.

O jogo decorreu com muita correcção, sem problemas de maior. No final, o resultado foi 7-2 a nosso favor. Neste caso não conta muito o resultado, mas sim a colaboração de todos os que se apresentaram em campo.

Para todos os elementos da equipa visitante enviamos as nossas saudações desportivas e votos de bons êxitos no futuro.

MOMENTOS DA NOSSA VIDA — O «Punk» é um rapaz muito alegre; mas, em contrapartida, infeliz. Há poucos dias, apareceu em Casa com alguns ratos-chinos, muito satisfeito a contemplar os seus movimentos, o que o levava a não os deixar fosse onde fosse. Mas a infelicidade bateu-lhe à porta. Um dia, levou os pobres bichos dentro de uma caixa e pô-los debaixo da cama. No dia seguinte, de manhã, ficou espantado a ver a caixa aberta sem nada dentro. Procurou por todos os cantos da Casa mas os bichos não apareceram! E chegou à conclusão de que os ratos, o açúcar e os «bombokas» foram comidos por um gato que é muito delicado para com todos os que lhe querem bem. Mas o «Punk» não descansa! Agora, faz uma busca à procura do gato que, na verdade, não teve culpa de nada, apenas cumpriu o seu dever: caçar para comer!

Nesta semana, a alegria dos mais novos voltou a estar em evidência: A nossa égua, que o ano passado teve um cavalo, agora deu-nos outra cria — uma fêmea!

Esperamos que todos lhe dediquem o carinho que merece.

PÁSCOA — As celebrações da Páscoa terminaram, mas o nosso pen-

samento mantém-se em todos os aspectos que marcaram tão grande Festa da Igreja. Foram dias de boa disposição em toda a Comunidade.

Quinta-feira é sempre um dos pontos altos da celebração, ao festejarmos a última Ceia. Temos sempre, entre nós, um grupo de Pobres e é uma grande alegria quando entramos para o refeitório e contemplamos aqueles rostos marcados pela idade e pelas dificuldades que sofreram.

Sexta-feira, ponto triste por um lado mas alegre pelo outro. Triste porque Cristo é crucificado pelos pecados dos homens, mas alegre porque sabemos que ele vai ressuscitar e libertar todos quantos com ele morreram pelos pecados do Mundo.

Sábado, chegada a hora da Vigília pascal, reunimo-nos no bar até à hora da celebração, depois juntamo-nos à entrada da Capela e acende-se a luz de Cristo, que ficará marcada para todo o ano, como sinal do amor de Deus por nós.

Esperamos que as celebrações tenham servido de Luz no caminho de todos para a Eternidade.

EXPEDIÇÃO DO JORNAL — Há um problema, simples de resolver, desde que todos os assinantes de O GAIATO colaborem connosco: Quando mandamos postais aos caloteiros, aparecem muitas interrogações porque as inscrições de alguns encontram-se em nome da esposa e é o marido que faz contas sem indicar o nome dela, ou vice-versa. Outras vezes os nossos assinantes dizem que a quantia se destina à assinatura, mas só remetem o nome pelas iniciais, o que nos faz perder imenso tempo; e muito mais se pertencem ao Porto ou a Lisboa. Por isso, pedimos que nos enviem o nome tal qual recebem o jornal e, também, o número de assinante para melhor identificação em nossos ficheiros.

Carlos Alberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É Viúva. Não tem mais de trinta anos. Depois do marido falecer, abordámos as Caixas. O habitual calvário..., pois continua em voga não se ir ao fundo da questão: servir a Viúva a tempo e horas — com o mínimo indispensável à sua subsistência e dos filhos!

— Arrecho 3.220\$00 da Caixa do Estado e 510\$00 do Centro Nacional de Pensões. Nem sempre posso esgravatar mais alguma coisa... Tenho filhos na Escola. Vejam se m'acodem...!

Que remédio!
É uma mulher que ainda não perdeu a cabeça..., graças a Deus e à generosidade dos nossos leitores!

A verdade é que os três filhos, pequeninos, já lhe davam — como dão — muito que entreter; mas não se olha à Família com olhos de ver!

● Como estamos em maré de insuficiências, mudemos para ou-

tro campo: os impasses em requerimentos de subsídios para grandes inválidos. Não haverá quem dê um toquezinho no sentido de abreviarem os processos pendentes? O benefício continua a ser aplicado tarde, a más horas! E melhor seria comunicar a temporária iniquabilidade: seja por carências de pessoal, seja pelo que for. Os Pobres — os Incuráveis com dolorosos calvários — merecem muito respeito! Neste caso, redobrado — pelo direito que lhes assiste. Eles querem a verdade. Não exigem mais!

● São dois irmãos, já idosos. Durante toda a vida, a lavoura foi o seu ganha-pão. Homens simples, de mãos calejadas pelo trabalho de sol-a-sol. Homens de recta consciência, moldada na Igreja, virilizada nos campos em contacto com a mãe-terra, com a Natureza; do arrotear para as sementeiras, às colheitas; do cegar erva nos lameiros aos cuidados do gado, nas cortes.

— Lidámos com muitas cabeças de gado...!
Um desabafo que brota sem dar fé! E continuam:
— Desfizemos tudo... Inté o carro de bois! Uma cousa p'ra cada lado...

Mais saudades!
Como rendeiros, não conseguiram ter casa própria no tempo das vacas magras. Mas, vá lá, ao menos conseguiram obter, no fim da vida, a parca pensão de reforma concedida aos rurais.

— É pouquinho; lá isso é. Com jeito..., vai chegando prós dois graças ó Senhor!...

Agora, porém, que as rendas são inacessíveis, só tinham um último recurso: ocupar uma moradia do Património dos Pobres. E que fazem os dois? Sabem que uma das primeiras casas construídas por Pai Américo — na beirna da estrada, frente ao bu-

cólico Vale do Sousa, resguardada a norte pelo monte e fresquinha de Verão pelo arvoredado — teria um quarto livre para acudir, excepcionalmente, a um solitário. Com a natural prudência da terceira idade, tomam a iniciativa de motivar, em primeira mão, o próximo vizinho do lado!

— Ele é da nossa igualha. Trabalhou a terra... Somos amigos.

Por felicidade, o ocupante da moradia não se importa de um pequeno sacrifício: mudar para outra dependência! E aí vêm fazer a proposta, eufóricos. Mais radiantes ficaram com o sim da fabriqueira!

Muito nos sensibiliza a inteira disponibilidade do outro — que ali reside há muitos anos — pois reconhecemos, uma vez mais, de como os Pobres dão a mão aos Pobres!

● Temos notícias frescas do pequeno seminarista, cujas despesas estão a cargo de alguns leitores. É recado de uma recoveira dos Pobres: «Os pais do rapaz andam intrigados por não saberem quem o ajuda. Mas, para já, é melhor assim. Ele está muito contente, ainda que no primeiro período haja tirado fracas notas, mas as dos outros não foram melhores.

Ainda não saíram as notas deste período. Depois direi alguma coisa mais.»

Assim, correspondemos ao interesse e à generosidade de cristãos que procuram, d'alma e coração, não faltarem — a nível d'Igreja — os imprescindíveis sacerdotes e discípulos do Mestre.

PARTILHA — Uma «velha Amiga» lisboeta manda, «como de costume», 500\$00 para a Conferência, «pedindo desculpa de ser tão pouco para quem tanto precisa» — os Pobres. Delicadeza cristã!

O mesmo da assinante 8058, de Lagares da Beira. «Foi uma promessa» — sublinha na carta. Metade da

assinante 31127, de V. N. de Gaija, «pequena ajuda» com muita generosidade. «Por alma de Mário Pinheiro», outros 500\$00. Presenças que se repetem religiosamente!

Do Fundão: a «mensalidade referente ao corrente mês de Março». Cinco contos da Rua Eugénio de Castro, Porto, «esperando aliviar alguma necessidade». Bate certo! Alivia sim senhora! Mais um conto de Pedras Rubras «para um casal de velhinhos». Está entregue! Metade da Praia da Aguda, em vale de correio. Mais um da assinante 17022, de Santarém. Outro de Pardelhas, Murtosa, 2000\$00, «oferta embora pequenina na quantidade mas grande na boa vontade». É da Conferência de S. Lourenço, de Pardelhas. Dinheiro de Pobres para os Pobres!

Assinante 30524, de Molelinhos, uma «pequenina oferta dada, de todo o coração, para um nosso irmão desamparado»: 200\$00. Ponte do Gove, Baião, 500\$00 «em acção de graças». Cheque de Ovar, para «ser dado por vossas mãos aos que conhecerem mais necessitados». A presença habitual da Rua Esperança do Cardal, Lisboa, «para o Soldado da Paz», que espera, há quase dois anos, o subsídio de grande inválido e não vem recado nem resposta...! Mais um conto da Avenida Fernão Magalhães, Porto, para «a mãe de oito filhos». Uma parte do seu foliar! S. Domingos, Sardoal, um cheque para ser «aplicado como acharem mais conveniente». O saber amar está aqui! Por fim, «uma pequena gota» de Oliveira do Douro, agradecendo «a Deus o trabalho abnegado e amigo a favor dos Outros e que esse trabalho nos aproveite também junto do Senhor». Mensagem cristã!

Em nome dos Pobres, muito obrigado. E votos de santa Páscoa!

Júlio Mendes

Retalhos de vida

Paulo Jorge



Eu sou o Paulo Jorge Melo Marques. Nasci no dia 18 de Agosto de 1969.

Vivi sete anos com os meus pais e mais sete irmãos. Quando tinha seis anos fui para a Escola.

Um dia, quando ia para a Escola, vi o meu pai morto no fundo do terreno e fui logo a correr dizer à minha mãe. Mas, como a minha mãe era pobre, veio trazer-me à Casa do Gaiato de Setúbal mais um dos meus irmãos.

Sinto-me muito bem na Casa do Gaiato e agarro-me ao estudo. Agora, estou na Telescola e frequento o 2.º ano. Aos sábados e domingos de venda, distribuo o nosso jornal O GAIATO em Palmela e Setúbal.

Mando um grande abraço para todos os Leitores de O GAIATO, principalmente para os de Palmela.

Paulo

MINIATURA DO CORVO

AGRICULTURA — Continuamos a plantação da batata e têm sido dias de trabalho desde o amanhecer ao entardecer.

Todo o trabalho é igual na finalidade. Uns podem custar mais do que outros, mas esses são os que melhor nos sabem.

A batata, além de nos dar todo este trabalho, também constitui a base dos produtos alimentícios por nós cultivados, junto com o azeite, o vinho, a fruta, a horta e o gado.

Quem não descansa nestes dias de sementeira é o terreno: A princípio anda um grupo que corta e outro que põe a secar a erva que tínhamos semeado. A seguir é a vez de outro grupo espalhar o estrume com forquilhas, enxadas e até com as mãos, à falta de melhor. O Dias, com o tractor grande, lava e fresa o terreno, chegando a fazê-lo até mais tar-



Autoconstrução

«Há longos anos vou acompanhando as Casas do Gaiato e a sua vida através do vosso jornal O GAIATO, de uma visita aí feita e de quatro contactos com o santo Padre Américo.

Tive a graça de Deus de poder construir aqui, em Santarém, um grupo de casas do Património dos Pobres com o auxílio de todos e a iniciativa de um dos párocos da cidade.

Quando da inauguração e entrega dessas casas esteve aqui o sr. Padre Américo. Foi um dia grande para a cidade! Bendito seja Deus por tal Homem ter dado à Igreja e a Portugal.

Também tenho acompanhado o problema da Autoconstrução, que acho maravilhosa, e é por isso que lhe escrevo.

Estive a semana passada no Congresso da Família onde foram abordados muitos problemas das famílias, entre eles o da habitação.

Não me pude calar e chamei a atenção do Congresso para este movimento tão importante dos Autoconstrutores e pedi que se fizesse um estudo sério e se desse o apoio e ajuda que lhe são justamente devidos.

Posso dizer que houve um apoio geral e que talvez fosse bom, se assim entender, mandar para a Secretaria de Estado da Família um relatório sério sobre a Autoconstrução que fosse reforçar o meu pedido a ver se, de facto, tornavam mais fácil a vida a esses heróicos Autoconstrutores.

Percebi que tinha feito uma revelação e que a grande maior-

ria daquela gente ignorava tal acção.

Querla dizer isto porque sei quanto se interessam e quanto colaboram neste trabalho.

Realmente não se compreende que não dêem o máximo de facilidades a casos destes!

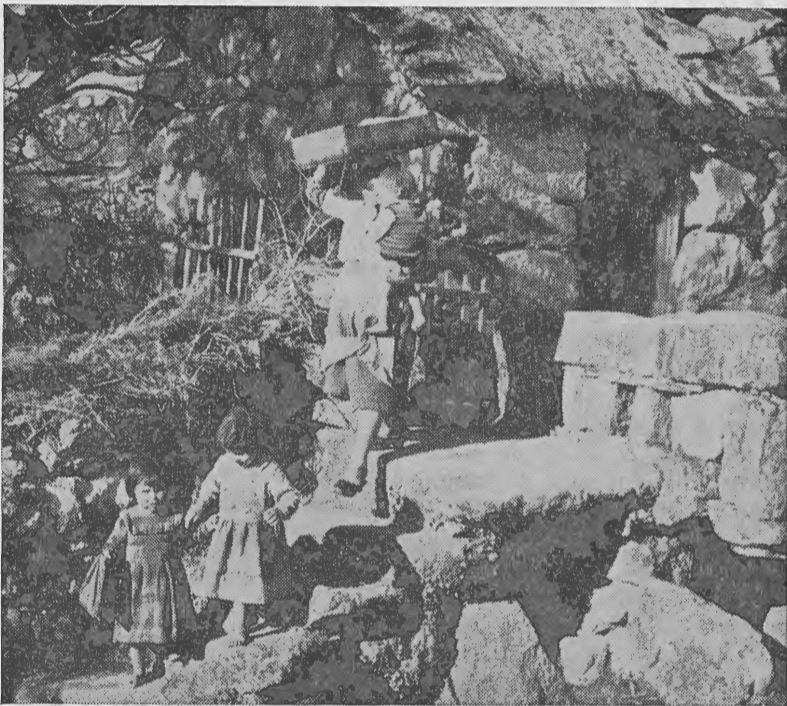
Enfim, vamos lutando.

Que Deus nos ajude. Só com Ele e por Ele tudo pode ser...»

É muito importante a intervenção desta Mulher cristã, do Ribatejo, no Congresso da Família: «Percebi que tinha feito uma revelação e que a grande maioria daquela gente ignorava» a Autoconstrução!

Na realidade, há um mundo de famílias do meio rural — e das zonas suburbanas — que poderiam resolver, por suas mãos, o problema da habitação e são bloqueadas: pela inflação burocrática... e agravos materiais; por carências de apoio oficial (burocrático, técnico, material...); pelo desconhecimento do valor social da Autoconstrução a partir dos centros de decisão! — ainda que expressa na carta-magna do País.

São precisos um milhão de fogos! Por isso, não compreendemos, à partida, porque não se criam ajudas específicas para estas acções, que não seriam mais do que o complemento directo da cadeia de solidariedade familiar que define a Autoconstrução espontânea — parcial ou total — já que são muito raras as acções de grupo. Como faz a Obra da Rua — pelos fundos do Património dos Pobres...



As famílias do meio rural teriam amanhã habitação condigna se, hoje, a todos os níveis, acudissem às grandes potencialidades da Autoconstrução!

de que as horas normais de trabalho. O Zé e o «Secretário» abrem os regos e o resto é feito por diversos grupos, pondo uns as batatas, outros o adubo e outros, ainda, tapam os regos e alisam a terra. Tudo é feito com a rapidez necessária, para que, pelo calor que se faz sentir, a terra não seque demasiado e queime as batatas, em vez de nascerem e se desenvolverem. Mas enquanto uns se ocupavam deste serviço, outros estavam noutras obrigações, não menos importantes, como os apanhadores de nabos. Ainda teremos deles, por algum tempo, para a nossa sopa — muito apreciada por todos.

PASCOA — Para nós, como para todos os cristãos, Páscoa não são só amêndoas, folares dos padrinhos, manifestações habituais.

Para nós, Páscoa são dias de reflexão, de reforço, das nossas amizades, de ajuda mútua, de procurar não ofender os que nos são mais queridos. Enfim, de nos prepararmos para celebrar condignamente a grande Festa da Ressurreição do Senhor.

Nós procuramos fazer isso e o sr. Padre Jerónimo veio ajudar. Durante dois dias, e um pouco antes da

hora normal de despegar o trabalho, reuniu-nos na sala de televisão, onde apontou alguns dos nossos problemas: O que é ser homem; como sê-lo; qual a necessidade de viver e com que finalidade. No segundo dia, à tarde, houve uma celebração penitencial em que cada um procurou a reconciliação com o Senhor, no sacramento da Penitência. Também as amêndoas fazem parte da nossa Páscoa, pois o homem tanto precisa do pão da alma como do da carne para viver. Também em nossa Casa não faltam as amêndoas tradicionais do Domingo de Páscoa; e os rebugados, bolos e, como vem sendo hábito, um bolo-folar para cada um, oferecido por um nosso conterrâneo.

Agradecemos a atenção e generosidade de várias pessoas que nos mandam um pouco das suas poucas amêndoas e outras coisas. Obrigado!

FESTAS — Estamos a caminhar, a passos largos, para a sua realização! Os ensaios já começaram e esperamos que, no fim, sejam do agrado de todos. Noutro local o nosso Padre Horácio indica datas e locais de algumas delas.

Chiquito-Zé

Festas

● NO CENTRO DO PAÍS

Foram os Amigos que muito cedo começaram a perguntar por Festas. Durante bastante tempo nada respondi. Os rapazes de todos os anos já não têm novidades. Por eles um ano de folga caía-lhes bem.

Mas os estudantes mais velhos retilavam para que sim. Um ano em vão desactualiza. Depois é difícil recomençar. E disseram suas razões. E ganharam! Temos Festas no Centro de Portugal, à nossa conta.

O Chiquito Zé já tem dito alguma coisa. Com muita cautelinha. Ele é cauteloso. Tem dito que dão muito trabalho.

Hoje disse-me, na viagem, que os ensaios já estão a correr e tudo promete. Agora, nas férias, é que vai ser. Não há horas livres. Todas as horas são de cantar e dançar. Os mais pequenitos até adormecem nos ensaios. Tem de ser assim. Tem de ser o suor do rosto de cada um para ser mais saboreado o encanto de todos.

Atenção às Festas já marcadas!

Padre Horácio

29 de Abril, às 21 horas
Salão dos Bombeiros — MIRANDA DO CORVO

1 de Maio, às 15,30 e às 21,30
Teatro Avenida — COIMBRA

6 de Maio, às 17 e 21 horas
Teatro Cine — COVILHÃ

7 de Maio, às 15,30
Cinema Gardunha — FUNDÃO

8 de Maio, às 15,30
Cine Teatro Avenida — CASTELO BRANCO

Enfim, não são necessários complexos estudos de ciência económica para se avaliar, grosso modo (como faz uma dona de casa...), que a Autoconstrução é uma poupança incalculável para o País — na

actual conjuntura... — e motor de riqueza e promoção social das famílias portuguesas de menores recursos.

Júlio Mendes

Cantinho dos Padres da Rua

● Longa Sexta-feira Santa com a nossa cruz de cada dia!

Na dos discípulos foi bem grande o medo! Perderam a esperança. O caminho apareceu troncado. Nada mais à sua frente. Nem a promessa da Ressurreição...

Também, bem longa Sexta-feira Santa a de todos os que vivem sem esperança!

Com o simples gesto da bênção do pão — os dois discípulos de Emaús compreenderam e ficaram libertos. E deram a notícia: «O Senhor vive! Está connosco!».

Ressurreição, fonte de Vida, onde todos nós podemos beber a esperança e a alegria.

● Todos os dias o Senhor parte o pão e o abençoa! E nos pede que demos a notícia aos Pobres, sendo sinal de Sua presença junto deles.

«Saiam, portanto, a visitar o Pobre, quer nas cidades quer nas aldeias, inteirando-se da vida e do estado de cada um.»

Este «saiam» é uma atitude de disponibilidade junto dos que são nossos e, também, a atitude de ir ao encontro.

Nos bairros degradados, junto dos Doentes e dos Pobres, bebeu Pai Américo toda a força e sentiu, para nos transmitir em seus escritos, toda a dinâmica da Obra da Rua.

Ir ao encontro do Pobre nem sempre é tarefa fácil. Exige sempre a renúncia do que nos parece «o mais importante»: comida, vestido e comodidade dos que já estão connosco.

Pai Américo ia sempre, mesmo sacrificando um pouco o comer, o vestir e a comodidade da família — ele, senhoras e rapazes.

Ir aos Pobres é dar-lhes, depois da Sexta-feira Santa, a notícia da Ressurreição. Eles, como os discípulos de Emaús, conhecerão o Senhor no pão repartido.

● Para todos os sacerdotes e irmãs religiosas e leigos que viveram em Angola depois da independência, a irmã Dominique tornou-se um exemplo

de prontidão alegre ao serviço dos irmãos. A sua presença, em todos os instantes, é um testemunho vivo do Senhor.

Um luzeiro no monte!

Sempre disponível para os sacerdotes, irmãs religiosas, pobres e doentes, e para todos os angolanos.

Sempre feliz e a sorrir ao serviço de todos. Esperando horas nos aeroportos, em sua tarefa de esperar ou embarcar alguém — como se fosse a única e maior coisa que tivesse em mãos.

Já nos preparativos da sua viagem para se tratar, bate-lhe à porta uma senhora paralítica com três filhos pequeninos. Mais uma vez se esquece de si... e resolve primeiro o problema aflitivo da senhora e dos filhos.

Obrigados, irmã Dominique; tu nos ajudas muito a viver sem medo e libertos — dizendo-nos, com a tua simples presença, que o Senhor está bem vivinho e connosco.

Padre Telmo

Cont. da 1.ª página

Do encontro feliz com o nosso irmão Amadeu (Elvas) à intensa esfrega do longo soalho conventual; da caça aos morcegos, à empreitada de renovação do antigo cenóbio para recebermos outros e outros — alguns chegando pelo seu pé, andrajosos, piolhentos, suplicando o que lhes fora negado: um lar, uma família, um futuro de cidadãos de pleno direito.

Naquele tempo, por via da guerra mundial, a fome era o dia-a-dia de muitos portugueses. Época difícil que nos marcou para sempre!

E fomos crescendo, bafejados pelo carinho de Pai Américo — Pai dos sem-ninguém; com a delicadeza de se Jaquina, cozinheira; com a fidalguia de D. Custódia, em contraste com as naturais exigências de D. Sara — que fora mãe em Miranda do Corvo — e, aqui, opera verdadeiros milagres nos hábitos... que muitos contraímos na escola da Rua.

Que dizer da revolução que Pai Américo provoca, então, na alma das gentes, em praias e terras, na rádio, em igrejas e cinemas e teatros do Porto — enquanto se procede à urbanização da Aldeia dos Rapazes, se betonam os alicerces das primeiras vivendas, erguidas dia-a-dia, hora-a-hora!? Era a Palavra Nova de um Mundo Novo...!

Que dizer, ainda, dos flagrantíssimos da vida real — na casa velha e não só — que Pai Américo gravou, para sempre, em letras d'ouro!? Da acção de «Tirolino» — porteirito no velho mosteiro — às galaticas de Zé Eduardo e «Cête»; das impressionantes chegadas de José Maria (Cinfães) e Manuel Pinto, aos rasgos de «Sapegado» e «Rio Tinto»; dos traumas de «Santinha-de-pau», ao Pepe — foragido da guerra civil espanhola, cujo abrigo d'Inverno eram as locomotivas do Entroncamento; da rudeza futebolística do Sérgio e rendilha-

dos de Malaia e «Gari», à pas-maceira do Filipe, do Seixal, e Amândio, do Porto. E tantos outros que deram famosas páginas a O GAÍATO!

Retomemos o belo discurso de Pai Américo:

«Por esse tempo, tomámos conta do amanhã da quinta; foram-se embora os caseiros que a fabricavam. Comprou-se mais gado, alfaías, sementes. Começámos a cultivar os campos na sua totalidade. Grandes jeiras de terra negra cobrem-se de tapetes de pão.

Os rapazes deliram com a vida a germinar. Dizem coisas aos frutos pendentes. Falam ao gado nos pastos. Lavam os calos das mãos, em grandes bicas de água, antes de entrar no refectório. Sente-se uma pequena colónia de pequeninos trabalhadores organizados, com as horas ocupadas na vida de campo, de escolas, de oficinas — horas para tudo.

Vive-se a exuberante alegria que promana do lume da lareira. Os cozinheiros lembram à senhora qualquer prato especial que os rapazes gostariam de comer amanhã. O despenseiro gostou de receber ordens nesse sentido. Os refeiteiros passam palavra à malta: — Amanhã temos batatas!

Não vivemos a vida tenebrosa das pautas e dos regulamentos. Dispensou-se o zelo mal-lo saber do funcionário de profissão. Fizemos um pequenino mil seiscientos e quarenta dentro de Portugal e arvorámos a bandeira da independência com a divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.»

A instalação da Obra da Rua em Paço de Sousa — terra notável desde os primórdios da nacionalidade — vai historicamente descrita no topo da primeira página, com o realce que merece. É uma riquíssima nota, lavrada por Pai Américo, que serviu de fundo à primeira edição do nosso jornal.

Em suma: Pela acção da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa (fazer de cada rapaz um Homem) ao longo de quarenta anos — uma vida! — quantas centenas de farrapões — alguns seriam perigosos marginais! — ela restituiu à Nação, promovidos socialmente?... E são hoje, por todo o Mundo, bandeiras da Obra da Rua, homens dignos, cidadãos conscientes, trabalhadores e empresários, portugueses de lei; jamais esquecendo a figura impar de Pai Américo, os seus continuadores que deixaram tudo — para sermos aquilo que somos!

Júlio Mendes

Quinta-feira Santa. Em nossa Capela alguns sacerdotes atendem, de Confissão, esta grande Família. É à hora do perdão; do perdão que Deus oferece a todos os homens. É a preparação, próxima, para celebrarmos a Páscoa, e, à roda do Altar, estreitarmos os laços que não são de sangue — mas fundamentados no Amor de Deus; por isso, não menos fortes. Laços que, necessariamente, terão de ser renovados, dia-a-dia, pelo perdão e fortalecidos com o reconhecimento por parte de cada um dos seus próprios erros.

Assim deverá ser hoje, como há quarenta anos quando nasceu esta nossa Casa do Gaia-

to de Paço de Sousa — a primeira Aldeia dos Rapazes, em nosso País!

Grande Família..., grande nau..., alguns tormentos que, ao fim e ao cabo, são o tempero do Mandamento do Amor; tormentos, aqui e ali, atenuados por todo o Bem que nasça nas acções, no pensamento ou no gesto dos nossos Rapazes. Tudo o que de bom nasça, é Força que alivia o nosso viver!

Aproveito este momento da Celebração Pascal para trazer, aqui, também, a presença da nossa Família de fora — os nossos Amigos e Leitores de O GAÍATO — que, longe ou perto, estão de mãos-dadas conosco. Representó-a pela transcrição de uma carta, chegada há dias:

«Estimados amigos,

Desde há longos anos que sinto pela vossa Obra, que considero maravilhosa, uma grande ternura, amizade e um exemplo de conduta para os homens de hoje.

Há pouco tempo, talvez por ter meditado durante meses, deixei de ser religioso, mas no entanto respeito cada um e continuo a nutrir pela vossa Obra o maior carinho. Não resta dúvida, apesar de tudo, que no Novo Testamento há páginas maravilhosas de normas de conduta e de respeito pela pessoa humana. Nunca fiz promessas nem negócios com Deus, em quem hoje não acredito. No entanto, é meu hábito, ou quando pretendo qualquer coisa importante na vida ou tenho uma grande alegria, ser a vossa Obra com quem compartilho todo esse estado emocional. Hoje, tive uma grande alegria, porque o último dos meus filhos acabou de se formar. Deste modo, para secar uma gota das vossas necessidades, junto envio um cheque e haja o que houver espero nunca perder o respeito pela Obra da Rua.

Com os meus cumprimentos, desejo que encaminhem o vosso trilho, que é, fundamentalmente, respeitar o homem no seu sofrimento.»

Mesmo escondido, Deus opera no coração dos homens, actua na sua consciência e faz chegar aqui os Seus Ecos das mais diversas formas! Bendito seja o Nome do Senhor!

Padre Moura

Padre Abel

Partilhando

● Os nossos estudantes de dia trabalham no campo durante as férias. Das ruas barulhentas da cidade e das quatro paredes da sala de aula saltam, assim, para o meio da Natureza. É um salto brusco de ocupação. Um bom tónico de descanso esta mudança de trabalho. Aqui, não há droga nem poluição, nem «furos» injustificados nem livros à espera do professor que ainda não há. A livre, ocupações e distrações no prático da vida — a maior aula do nosso dia-a-dia.

O «Nera» — estudante do 12.º ano, no Porto, e chefe do nosso Lar — começa assim as suas férias, aqui: descalço, sapatos na mão e boné na cabeça vem ter comigo com os protestos:

— Então, mandam-me para a Reforma Agrária e, agora, foram chamar-me para partir carne...!

De reforma agrária não percebemos muito; nem onde começa nem onde acaba... Mas que semear batatas é a verdadeira Reforma Agrária para o «Nera» ocupar saudavelmente o seu tempo de férias da Páscoa, isso sabemos-lo bem. Semear, semear tudo e bem para colher muito é a reforma que qualquer enxada ou livro percebem.

O «Gagázito» e o Armelím lá andam nos pomares da mata com sacholas na mão a preparar a terra livrando-a das ervas daninhas. A seu lado, o nosso rebanho de ovelhas vai comendo sossegadamente ervas boas e ruins que há na mata.

Manel «Gordo» e Antero — dois pequenos estudantes com muito sangue na guelra — andam de lata e pincel na mão a pintar, de preto, arames de ramada por causa da ferrugem. E sem lugar para tristezas; mesmo que aldrabem o trabalho..., lá andam contentes.

Assim vai a Reforma Agrária dos nossos estudantes de

dia. É uma ocupação de outro género!...

● — Venha ver! Nasceu-nos mais uma éguazinha!

Assim fui interceptado pelo Paulinho da horta logo de manhã! Uma novidade alegre, dita com os olhos a sorrir, sabe-nos à doçura do mel, já que de tristezas e de olhos esmagados pela dor está o mundo cheio.

Lá fui eu com o Paulinho até ao curral. Que coisa linda ali estava! Nascida há poucos minutos ou horas, de pé junto à mãe, com uma estrelinha branca na cabeça por cima de um castanho claro a cobrir-lhe todo o corpo ainda trémulo, é fonte de inspiração, de admiração e até de Fé na vida criada com tanta beleza e ordem!

A notícia foi correndo e os curiosos aparecendo... Apecebi-me da desordem, das fugas às obrigações por causa do pequenino animal. Deixei que vissem e não fugissem de apreciar os dons maravilhosos da Natureza que Deus nos deu.

«Lourinho» — tratador desta bicharada toda — estava ausente da nossa Casa. Senti muito a falta dele, nesta hora, por causa da sua alegria e carinho pelos animais! Ele, melhor que ninguém, saberia sorrir por mais este nascimento! Quando chegar, lhe contarei a minha alegria e tristeza também...

E semear é uma obrigação! Que da colheita pouco ou nada sabemos...



No ano da graça de 1943 instalámo-nos em uma dependência do antigo cenóbio beneditino de Paço de Sousa — na gravura, em baixo, à direita da monumental igreja românica, dos primórdios da nacionalidade. Em cima, é outra bela panorâmica da Aldeia dos Rapazes — da nossa Aldeia! — na qual fizemos um pequenino mil seiscientos e quarenta dentro de Portugal e arvorámos a bandeira da independência com a divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes — acentua Pai Américo.

Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa